



Ana Rego

Não poder viver senão uma vida

15.04 – 27.05.2023

Este é um novo momento do Ciclo Expositivo co-programado pela Galeria Imago Lisboa e o Instituto de Produção Cultural e Imagem (IPCI).

Para este ciclo foi criado um percurso para ser transitado através da conceptualidade que une artistas com práticas diversas ao longo deste primeiro semestre de 2023, que começou com a exposição «Ninguém termina na ponta dos dedos» de Sandra Valle, e que acabará com a próxima, que inauguraremos em Junho, «Pele» de Philippe Gabriel.

Não poder viver senão uma vida

No primeiro vislumbre deste trabalho, somos rapidamente transportados para uma aparente harmonia e tranquilidade que a autora alcança a partir daquele minimalismo que a caracteriza, com todo aquele branco que nada mais faz do que impulsionar o próprio 'cubo branco', para nos acalmar numa frágil contemplatividade, truncada assim que começamos a ler as seguintes camadas deste ensaio.

Para Ana Rego, este trabalho tem sido quase um caminho terapêutico, uma construção imaginária que veio acrescentar ao gerenciamento emocional e à sua visão científica. O projecto começa quando a autora se depara com um evento traumático no seio familiar: o acidente vascular cerebral da sua tia. Vê-la completamente paralisada e incapaz de se comunicar, um corpo com uma única capacidade de movimento – a dos olhos – mas com uma mente totalmente activa, fê-la questionar o conceito de vida e repensar o significado da morte. Um périplo de reflexões sobre como os corpos e a consciência participam do intrincado jogo da vida.

«Não poder viver senão uma vida», apesar de ter a aparência do «menos é mais» de Van der Rohe, fala-nos de conceitos artísticos antigos (embora plenamente válidos) que são uma constante na filosofia humana: a transitoriedade da vida e a fugacidade do tempo. O *tempus fugit* barroco mas sem o *horror vacui* do século XVI.

Talvez esse esvaziamento de elementos visuais na sua imagem tenha que ver com a extrema sensibilidade que a artista tem para nos apresentar uma história de dor, de grande peso emocional, mas (também) de conhecimento científico, que justifica a criação de imagens com uma certa obsessão pela composição e pela harmonia. Assim, vemos claramente como a autora superou o debate de longa data na fotografia que confrontava ética e estética. Em que medida legitimamos imagens que nos falam da dor através da estética?

A autora consegue criar um ambiente orgânico envolvente servindo-se de matéria natural. Corpo, madeira. Naturezas mortas e naturezas que querem viver. Texturas que nos falam constantemente de caducidade são rapidamente contrastadas com imagens mais vívidas. Corpos em colapso coexistem com olhares inenarráveis. Ramos secos fundem-se e confundem-se com sistemas nervosos, numa rede harmoniosa em que tudo se encaixa e se conecta. É como se trouxesse perante os nossos olhos uma constelação de objectos e corpos, de olhares e emoções, de manchas que são cérebros ou de músculos que já não estão em uso. Uma mistura magistral de imagens tiradas com a sua máquina fotográfica e de imagens produzidas por máquinas hospitalares das quais se apropria.

Vítor Nieves. Curador

Por opção do autor, este texto não foi escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico de 1990.

Ana Rego (1974, Portugal)

Licenciada em Ciências Médicas, estudou Fotografia no Porto, em 2019 frequentou o master em Fotografia Artística no Instituto de Produção Cultural e Imagem (IPCI) e em 2022 integrou o Coletivo Barda.

Na sua prática procura documentar temáticas inspiradas por questões sociais, culturais e científicas, e utilizando uma abordagem interdisciplinar e colaborativa entre arte e ciência, procura responder de forma inovadora a questões éticas e emergentes que se colocam à sociedade actual.

Expõe de modo individual e colectivo em Portugal e no estrangeiro, destacando-se a presença nas Galerias Fnac, Porto e Lisboa (2004), Fundação Oriente, Dili-Timor (2010), no festival Encontros da Imagem 2019, PhotoAlicante 2020 (Alicante, Espanha) e HybridArt Space Gallery, Budapeste (2019) e MIPOFF no Mês da Imagem do Porto (2022). Foi ainda premiada com os projectos «Afeganistão» (com a menção honrosa FNAC Novos Talentos em 2004); e com «Não poder viver senão uma vida» foi 1º prémio ciência no Budapest International Foto Awards e menção honrosa no International Photography Awards em 2019.

Produção: ipci.pt



INSTITUTO DE PRODUÇÃO
CULTURAL & IMAGEM

HORÁRIO DA EXPOSIÇÃO

Quarta a Sábado das 14:30 às 18:30
Encerra aos feriados
Rua do Vale de Santo António, 50 C
1170-381 Lisboa